

# *A Revue des Deux Mondes* e a historiografia brasileira do século XIX: reminiscências francesas no IHGB e na construção da identidade nacional brasileira<sup>1</sup>

Luis Fernando Tosta Barbato<sup>2</sup>

A “*Revue des Deux Mondes*” and the Brazilian historiography of the nineteenth century: French reminiscences in the Brazilian Historical and Geographical Institute and in the construction of the Brazilian national identity

80



## Resumo

Este artigo tem como objetivo trabalhar as semelhanças entre as concepções, impressões e representações sobre o Brasil do século XIX, em especial no que toca à sua natureza, presentes nos relatos publicados na *Revue des Deux Mondes* e nos artigos publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. A partir dessa análise conjunta, buscaremos entender se as ideias francesas estavam presentes na historiografia produzida dentro do IHGB do período, e, caso sim, como essas ideias foram assimiladas e se sofreram adaptações às necessidades e peculiaridades que esse momento de construção da identidade nacional brasileira do século XIX exigia.

**Palavras-chave:** IHGB; *Revue des Deux Mondes*; Historiografia Brasileira.

## Abstract

This article aims to work the similarities between the conceptions, impressions and representations about the nineteenth-century Brazil, in particular about their nature, present in the reports published in the *Revue des Deux Mondes* and the *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Journal*. From this joint analysis, we will try to understand if the French ideas were present in the historiography produced within the IHGB and, if so, how these ideas were assimilated, and if they were adapted to the needs and peculiarities that this moment of construction of the Brazilian national identity of the century XIX required.

**Keywords:** IHGB; *Revue des Deux Mondes*; Brazilian Historiography.

1 Essa pesquisa contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP.

2 Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas e Professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: lfbarbato@gmail.com

A França e seus franceses eram referências culturais inegáveis para os jovens países do Novo Mundo, que no século XIX, em pleno processo de consolidação de suas independências, e de uma pretensa busca por um lugar entre as consideradas nações “civilizadas”, buscavam na Europa referências de como se portar, de como se vestir, de como pensar. E nesse sentido, com o Brasil não era diferente, pois, assim como o que ocorreu com seus vizinhos, também encontrou na França um referencial civilizacional capaz de afastá-lo do antigo modelo lusitano, marcado então nesse século XIX, como um modelo europeu em decadência, ultrapassado, para galgar posições de destaque entre as nações modernas, cultas e industrializadas, tais como se apresentava a França<sup>3</sup>.

E se os brasileiros se interessavam pelos franceses, o contrário, apesar de uma notável assimetria, também ocorria, tanto que o Brasil foi palco de uma série de visitas de viajantes, cientistas e estudiosos franceses, que interessados em suas peculiaridades – e aqui vale ressaltar principalmente sua natureza tropical, e sua população marcadamente miscigenada – deixaram uma série de impressões sobre o país que encontraram, opinando, descrevendo e criticando tudo aquilo que era passível de nota, tais como seus aspectos geográficos, econômicos, culturais, políticos e sociais.

O que pretendemos aqui é entender como esses relatos franceses, aqui tomando como referência aqueles publicados na *Revue des Deux Mondes*<sup>4</sup> do século XIX, serviram de referência para a construção de percepções que acabariam fundamentando aspectos da identidade nacional brasileira, que começou a ser pensada – e porque não dizer, construída – por intelectuais brasileiros nesses meados do século XIX. Assim, através de uma análise comparada dessas percepções sobre o Brasil, presentes na *Revue* e nas publicações do IHGB, buscaremos notar o quão profundas eram os impactos da cultura francesa sobre o Brasil, e o quanto de aspectos importantes da identidade nacional brasileira, difundidos pelos próprios intelectuais nacionais, tem um fundo de origem, ou pelo menos uma chancela de confirmação, nos escritos franceses que circulavam nos Oitocentos, e que eram muito lidos e bem quistos pela intelectualidade brasileira.

3 BARBATO, Luis Fernando Tosta. Com os pés na América e a cabeça na Europa: escritos franceses e identidade nacional no Brasil oitocentista. *Revista Latino-Americana de História*, Vol. 3, nº. 12, dezembro de 2014. pp. 176-189.

4 Fundada em 1829, a *Revue des Deux Mondes* surge como uma representante da elite burguesa, que se coloca em relação ao estrangeiro para poder se conhecer melhor. A partir dos sucessos e fracassos observados nos outros países, esperava-se absorver aquilo que havia de melhor para ajudar na organização da sociedade francesa. Periódico de grande longevidade e circulação, durante o século XIX e início do século XX, foi a *Revue*, dentre os periódicos estrangeiros, um ocupante do topo da lista entre os mais festejados pelos homens de letras e ciências do Brasil da época, principalmente em sua fase imperial, o que ressalta a escolha desse periódico para o nosso estudo. Cf. BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Entre preconceitos, conceitos e impressões: o Brasil e sua condição tropical na Revues de Deux Mondes (1829-1877)*, Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. pp. 15-26.



Assim, em seus relatos de viagem publicados na *Revue des Deux Mondes*, os franceses deixaram suas impressões sobre esse Brasil que encontraram. Nesses relatos, podemos notar a propagação da ideia de um paraíso tropical, marcado por um clima quente e agradável, por belas paisagens e por descrições que traziam uma natureza muito rica e próspera, mas que não resistia a um olhar mais atento.

Isso porque esses mesmos relatos mostravam que o clima tropical, por mais que trouxesse calor e paisagens de encher os olhos, não resistia a um olhar mais acurado, preocupado com os rumos de uma civilização que se formava no Brasil. A natureza pujante encobria as plantações, o que demandava ainda mais energia para domá-la, algo ainda mais complicado frente à constituição humana do país, como se propagava no pensamento europeu da época, formada por povos pouco afeitos ao trabalho e mais propensos ao descanso e à vida fácil dos trópicos, o que, somados às dificuldades de instalação europeias – também devido ao clima distinto – e aos séculos de exploração lusitana inconsequente, tornava o Brasil um local que, se quisesse realmente estar entre as grandes nações do globo, precisaria tomar atitudes urgentes, de modo que a tão cara civilização de moldes europeus finalmente conseguisse se instalar efetivamente no Brasil. E os exemplos a respeito disso são fartos na *Revue*:

Ainda que eu viva séculos, a impressão que produziu sobre meu espírito a mistura de grandiosidade e graciosidade que rapidamente tomaram meus olhos estará sempre fresca em minha memória. Eu vi o clássico litoral da Itália; eu passei muito tempo em meio às românticas belezas da Suíça; eu percorri as margens pitorescas do Reno: mas as brilhantes criações do mundo europeu, com sua riqueza inesgotável de associações históricas e poéticas, jamais me fizeram experimentar esses sentimentos mistos de admiração e prazer, dos quais não pude me defender à vista da majestade sublime dessa obra-prima da natureza que é a baía do Rio de Janeiro.<sup>5</sup>

Desta maneira, podemos notar que havia uma admiração em relação ao Brasil, principalmente em relação à sua natureza, mas que essa admiração não se sustentava sob um olhar europeu mais atento. A partir dos relatos acima, vemos exemplos da infinidade deles que foram publicados

5 ANÔNIMO. Souvenirs de l'Amérique – l'empereur Don Pedro. *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l'administration et de mouer*, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829. p. 115; Nesse mesmo sentido, poderíamos citar ainda o trecho: "Em torno da fazenda se estendem, por uma área de vários quilômetros quadrados, pés de café, pastos, campos de cana ou algodão, e, finalmente, na periferia, largas áreas ainda não exploradas de florestas virgens. Tudo isso é atravessado por picadas que, na maioria das vezes, especialmente na estação de temporais, não são mais que um monte de sulcos profundos, riachos enlameados, troncos arrancados e poeira grossa; mas que esplendor na paisagem! Que harmonia no céu!". D'ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La fazenda. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863. p. 755.



sobre o Brasil na *Revue*, observamos que de fato os franceses se encantam com a natureza que encontraram, o que rende vivas ao Brasil, vivas essas que também ajudavam a colocar o Brasil em seu devido lugar: ainda imerso no mundo natural, distante e carente da civilização.

Faltava a ele “as brilhantes criações do mundo europeu” marcadas pela história e poesia, e mesmo quando a obra europeia aparecia, era ela tosca, mal acabada, como no caso das estradas descritas acima. Se havia algo com que o Brasil pudesse ser admirado, seria por seus encantos naturais, e nada muito além disso. Não que esse sentimento não fosse genuíno, mas naqueles idos do século XIX, estar próximo à natureza, e distante da civilização europeia, com suas estradas, história e poesia, ajudava a sedimentar o lugar que caberia ao Brasil no mundo, que assim, estaria distante do sonho europeu de civilização que os intelectuais brasileiros tanto almejavam.

No entanto, quando tratamos com europeus, é natural que pensemos que eles trarão suas impressões a partir daquele referencial do qual são oriundos, tendo seu padrão cultural naquilo que marcava a cultura europeia. Mas nesse sentido, como os próprios brasileiros lidavam com essas questões no século XIX? Será que as visões acerca dos trópicos, com seus problemas e pontos positivos, produzidas agora não somente por estrangeiros, mas por brasileiros, bebiam dessas fontes europeias, que traziam os trópicos como lindos, porém problemáticos? Será que, entre os brasileiros, existiam essas mesmas representações acerca dos trópicos avessos à civilização, que encontramos nos franceses da *Revue*? Afinal, não podemos nos esquecer que esses mesmos franceses que ajudavam a colocar o Brasil às margens da civilização, eram os mesmos que serviam como referências culturais para os brasileiros preocupados em levar o país aos padrões de civilizações difundidos pelos grandes centros europeus.

Para responder essas perguntas, vamos nos remeter aos escritos publicados por outra grande revista do século XIX, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. A escolha não é aleatória; resolvemos buscar nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico e Brasileiro (IHGB) essas respostas por ser o mais importante periódico sobre a história do Brasil do século XIX, e no qual, esses trópicos problemáticos, objetos de tamanha importância nos oitocentos, considerados os efeitos, os problemas e as soluções que acarretavam, também foram alvo de debates e teorias.

Assim, ao recuperarmos as noções que os escritores do IHGB trouxeram sobre os trópicos, poderemos observar o quanto as ideias francesas estavam aqui presentes, além de observamos como elas, caso presentes, eram trabalhadas e transfiguradas de maneira a atender aos interesses não de viajantes, mas daqueles que aqui ficariam e enxergavam o Brasil de uma maneira um tanto quanto distinta.



Nesse sentido, é inegável a importância fundamental do IHGB na construção de uma identidade nacional brasileira no século XIX, projeto esse que obrigou os homens de letras e ciências que o integravam a buscarem elementos capazes de dar contornos específicos e singularidades a esse novo país recentemente criado, além de evocar imagens, símbolos e características que fizessem desse novo Brasil que surgia algo único, especial, capaz de despertar o orgulho entre seus habitantes.

É a partir dessa busca de alicerces com os quais se fundaria a identidade nacional brasileira que alguns elementos ganharam destaque, dos quais podemos destacar a natureza tropical e a composição racial do Brasil<sup>6</sup>. E é aqui que podemos tomar como ponto de partida, uma vez que, se os brasileiros, no intuito de construir sua identidade nacional própria, trouxeram com vigor a natureza tropical e a raça em seus escritos publicados nas revistas do IHGB, esses mesmos temas também ganharam grande destaque na revista francesa, o que nos permite buscar como os ideais franceses sobre raça, clima e civilização foram assimilados, rejeitados ou transformados nesse processo de construção da identidade nacional capitaneado pelos membros do IHGB.

Podemos iniciar essa análise entendendo que, a partir da leitura dessa produção intelectual do IHGB do século XIX, todo o Brasil, em toda sua continental extensão, de alguma forma ou de outra, estava envolto por essa beleza tropical. Estava posto o elemento-chave para a nação, bastava agora os intelectuais do IHGB trabalharem para que esse sentimento de orgulho e de pertencimento aos trópicos se fizesse presente, e, como veremos, assim como dentro da *Revue*, não faltaram no interior das revistas do IHGB exaltações aos trópicos e às suas delícias e benesses.

Os exemplos seguintes retratam como esses trópicos brasileiros foram cantados e elogiados nas publicações do IHGB, mostrando e divulgando esse Brasil tropical que se apresentava, cheio de belezas e capaz de gerar orgulho:

Senhores! Si o nome do Brazil, como diz Freyanet recorda tudo quanto a natureza tem de mais belo e fecundo; si, como diz Southey, os Brasileiros receberam por herança uma das mais bellas porções da terra; si, como diz Beauchamp, é impossível fallar d'este abençoado solo sem nos lembramos que o ouro e o diamante sahem do seu seio, ao mesmo tempo

6 Optei aqui por não me alongar sobre o tema do IHGB e a construção da identidade nacional brasileira, por ele já ter sido objeto de estudos anteriores, de minha autoria. Desta maneira, aqueles que desejarem se aprofundar no assunto, conferir: BARBATO, Luis Fernando Tosta. "A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto". In. *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun, 2014; BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.



que todas as culturas n'elle prosperam; muito nos devemos ufanar de termos nascidos em um tal paiz! Mil graças pois rendamos ao Creador por tão grande beneficio.<sup>7</sup>

Poderíamos aqui elencar dezenas de trechos que comprovam que o clima tropical foi exaltado dentro das revistas do IHGB<sup>8</sup> e que ajudaram a difundir essa imagem positiva dos trópicos para todo o Brasil, de maneira a despertar o orgulho do pertencimento, que estava no cerne desse projeto do IHGB. No entanto, nosso objetivo não é esse, e queremos aqui apenas evidenciar que os escritos brasileiros em muito se aproximavam daqueles escritos europeus que tratamos, pelo menos em um primeiro momento.

Se Lacordaire se encantou com as belas paisagens que viu<sup>9</sup> ou se mesmo o escritor anônimo que publicou na *Revue* deixou em seus relatos que nem mesmo as mais belas paisagens europeias, envoltas em poesia e história, conseguiram nele provocar as mesmas sensações que lhe provocou a obra-prima feita pela natureza que era a baía do Rio de Janeiro, ressaltando que esse sentimento provocado pela natureza estava presente no Brasil, percebemos que tanto os escritores da *Revue* quanto os do IHGB partilhavam de sentimentos parecidos sobre as belezas da natureza<sup>10</sup>.

- 7 MAIA, Emilio Joaquim da Silva. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846, p. 116; Nesse mesmo sentido, podemos trazer como exemplo o trecho a seguir: “Cabral arrebatou-se á vista d’esta terra encantada que lhe pareceu surgia do sepulchro do sol (...); com suas encostas cobertas de espessos bosques, com suas aguas despenhadas em assombrosas catadupas, que se destacaram, recuando em vales dilatados e sombrios, em verdes e risonhas planices, em que serpejam ribeiros, bordados por praias, por alvas franjas, que se encurvam e onde se perdem as ondas em doce murmúrio, gozou da brisa da terra, que lhe trouxe os perfumes de suas flores, e ouviu o hymno harmonioso da natureza virgem e luxuriante do novo mundo”. SILVA, Joaquim Noberto de Souza. Sobre o descobrimento do Brazil: o descobrimento do Brazil por Pedro Alvarez Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso?. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, tomo XV, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1888 (1852), p. 127.
- 8 Caso haja o interesse em conhecer mais sobre as exaltações da natureza tropical dentro das revistas do IHGB, consultar: BARBATO, Luis Fernando Tosta. Op. Cit. 2011.
- 9 “Enfin vous arrivez à la cime des montagnes: vous faites halte! Un océan de forêts se développe devant vous, immense comme l’océan des eaux, sublime comme lui, incommensurable, sans bornes”. LACORDAIRE, Théodore. Un souvenir du Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832b, p. 657.
- 10 “Dussé-je vivre pendant des siècles l’impression que produisit sur mon esprit le mélange de grandiose et de gracieux dont mes yeux furent tout à coup frappés, serait toujours fraîche dans ma mémoire. J’ai vu depuis les rivages classiques de l’Italie ; j’ai long-temps séjourné au milieu des beautés romantiques de la Suisse ; j’ai parcouru les rives pittoresques du Rhin : mais les brillantes créations du monde européen, avec leurs inépuisables trésors d’associations historiques et poétiques, ne m’ont jamais fait éprouver ces sentimens mêlés d’admiration et de plaisir, dont je n’ai pu me défendre à la vue de la majesté sublime de ce chef-d’œuvre de la nature, la baie de Rio-Janeiro”. ANÔNIMO. Souvenirs de l’Amérique – l’empereur Don Pedro. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L’administration et de Mouer*, v. 1. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. 1829. p. 115.

No entanto, apesar de os trechos, como ressaltamos, serem muito parecidos e apontarem para uma mesma direção, devemos entender que os objetivos de ambas as publicações eram totalmente distintos, o que torna o sentido desses trechos também diferentes entre si. Enquanto os primeiros, produzidos por brasileiros, tinham como intuito levar um sentimento de orgulho, identificação e pertencimento a todo um povo que ainda não se reconhecia como brasileiro, pelos menos em se tratando de uma identidade nacional, os trechos dos franceses não possuem essa pretensão, estando mais a serviço de um país que se enxerga superior e que busca marcar essa superioridade, como frisamos anteriormente.

Assim, enquanto os franceses citam as belezas tropicais para marcar a diferença em relação à Europa, no sentido de colocar o Brasil em uma posição de inferioridade – mesmo que essa inferioridade possuísse uma bela moldura tropical e que muitas vezes não fosse intencional – ressaltando que eles eram os “outros”, ainda distantes da civilização da qual falavam, os brasileiros, por sua vez, escreviam dentro de uma certa missão patriótica, na qual o clima tropical deveria ser defendido, por mais difícil que isso poderia parecer em certos momentos frente a toda uma literatura produzida por intelectuais de peso, que condenavam uma civilização nos trópicos.

Assim, diferentemente dos escritos franceses, as belezas tropicais presentes nas revistas do IHGB não estavam presentes descompromissadamente, como um primeiro olhar aos escritos franceses revela, ou mesmo para marcar a diferença e a inferioridade, como um olhar mais apurado pode revelar, como falamos. Os trópicos estavam lá para serem defendidos e exaltados, visto que eles eram aquilo que de mais belo e distinto o Brasil tinha a oferecer. E mais, eles eram necessários. Dentro de um projeto que dava coerência e uniformidade ao Brasil da época, eles eram mais que beleza, e a distinção que eles provocavam não deveria marcar, somente, a inferioridade.

Dessa maneira, trechos como o que vem a seguir, no qual há a defesa dos trópicos perante os detratores europeus, que poderiam detratar mesmo no elogio, ou apenas diretamente, se mostram presentes nas publicações do IHGB:

A historia, em nome da qual Montesquieu fez acreditar essa doutrina, é um protesto contra a sua verdade. Com effeito, se é o clima, se é o aspecto physico que determina a grandeza de uma nação, porque a patria de Temístocles converteu-se em serva do Alcorão, e, depois n'essa monarchia bastarda, que ahi vive na Europa, dando o espetáculo desolador de uma interminavel agonia?<sup>11</sup>

11 MAGALHÃES, J. V. Couto de. Um episodio da Historia Pátria (1720). *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXV, Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862, p. 516.

A partir do trecho acima, notamos que é inegável que os franceses eram lidos e que suas ideias e pareceres a respeito dessa terra não passavam despercebidos nem eram irrelevantes, mas há toda uma tônica distinta entre as noções sobre os trópicos presentes no IHGB em relação aos relatos da *Revue*. Os trópicos precisavam ser descritos, mas, mais que isso, eles precisavam ser defendidos. E nessa dicotomia entre as visões que vinham de fora, transmutadas aqui no Brasil tropical, ia nascendo a própria noção de Brasil, que perduraria durante muito tempo na historiografia, como veremos.

O clima tropical poderia até não ser o mais adequado à civilização e nem o melhor se o Brasil quisesse galgar posições mais avançadas na escala civilizacional que se apresentava com tanta firmeza nessa época, no entanto, isso não justificava uma condenação ao fracasso, e nem revelava que a história do país fosse escrita por estrangeiros, dispostos somente a distinguir, atacar e a intervir.

A prova de que os franceses – e nesse caso, inclusive aqueles que publicaram na *Revue* –, sem contar os inúmeros exemplos da força da presença francesa nos oitocentos, de que tanto falamos, eram lidos e eram relevantes nesse momento de construção de uma identidade nacional brasileira – com o clima tropical em seu cerne – são os combates que os brasileiros travam com esses estrangeiros acerca da imagem do Brasil.

Nesse sentido, os intelectuais brasileiros sempre tiveram contato com as representações difamatórias acerca do Brasil, produzidas na Europa. Basta vermos a própria crítica ao texto de Montesquieu que citamos há pouco, para não citarmos uma série de outros detratores do Novo Mundo nos séculos XVIII e XIX, como Raynal, De Pawv, Buckle, entre outros escritores europeus de grande difusão no período. No entanto, há autores que colocam o artigo “Le Bresil em 1844”, de Chavagnes, publicado na *Revue des Deux Mondes*, como um marco nos embates entre franceses e brasileiros, no século XIX.

Segundo Katia Aily Camargo e Amílcar Torrão Filho, Chavagnes, ao apontar as imperfeições que encontrou no Brasil em suas viagens, relatou uma série de defeitos, como a questão da escravidão e do próprio clima tropical, como ficou claro em seus relatos, que, em uma visão comparativa com o centro civilizacional que era a França da época, levou as mazelas brasileiras ao mundo, o que acabou por despertar a ira e uma série de protestos desse lado do Atlântico<sup>12</sup>.

Nesse mesmo sentido, Johni Langer nos traz que, a partir do texto de Chavagnes, os franceses passaram a ser vistos com menos resiliência pe-

12 CAMARGO, Katia Aily Franco de. Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista. *Revista Porto*, v. 1, n. 2, 2012, p. 83; TORRÃO FILHO, Amílcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Campinas, SP: [s.n.], 2008, p. 176.





los brasileiros, defendendo a tese de que este autor servira como marco nessas relações entre os escritores franceses e brasileiros<sup>13</sup>. Maria Helena Rouanet segue na mesma direção ao apontar que, depois do episódio, não só os franceses, mas os estrangeiros de uma maneira geral, passaram a ser vislumbrados sob um olhar mais meticoloso, sendo passíveis a julgamentos mais ferrenhos por suas críticas à nação<sup>14</sup>.

Ao considerar os embates que ocorreram no período em relação ao texto de Chavagnes, podemos concluir que de fato esse texto despertou a ira dos brasileiros e serviu para marcar ainda mais uma posição, um sentimento nacional, que aos poucos ia se desenhando nesse século XIX e da qual os franceses eram elementos-chave. No próprio IHGB, como não poderia ser diferente, o impacto do texto de Chavagnes foi sentido, como mostra o trecho abaixo:

Chegado ao conhecimento do Instituto a indignação que produzina n'esta côrte um artigo publicado em Julho do corrente anno na – *Revista dos Dois Mundos* – sob o titulo de – O Brasil em 1844, situação moral, politica, comercial e financeira – o em que seu auctor, acobertando-se debaixo do pseudo nome de M. de Chavagnes, além das imperdoaveis inexactidões em que cahiu, lança sobre as nossas instituições, e em geral sobre os brasileiros toda a sorte de apôdos e improperios, em recompensa do generoso agazalho que aqui recebeu, como o mesmo confessa.<sup>15</sup>

Mesmo Castelnau, outro francês que publicou na *Revue* sobre o Brasil, como trouxemos, até então respeitado dentro do IHGB, passou a ser alvo de críticas dentro do Instituto, tendo críticas dirigidas inclusive aos seus conhecimentos geográficos<sup>16</sup> e sendo acusado de atacar o brio do próprio Brasil e de seus brasileiros, como os trechos seguintes ajudam a comprovar: “Mais outras affirmativas d’este genero [sobre uma série de erros de ordem geográfica] enuncia o mesmo Sr. Castelnau, as quas têm contra si os fastos do paiz”<sup>17</sup>.

13 LANGER, Johni. *Ruínas e mito: a arqueologia no Brasil Império*. Tese (Doutorado) – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000, p. 249.

14 ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 126.

15 LAGOS, Manoel Ferreira. Relatório dos Trabalhos do Instituto no sexto anno academico, pelo 2º secretario perpetuo o Sr. Manoel Lagos. *Revista Trimensal de Historia e Geografia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, T. VI. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio Silva, 1865 (1844), p. 529.

16 Castelnau foi criticado por nomear, em sua expedição pelo norte do país, um rio em homenagem a D. Pedro II ainda que esse rio já fosse conhecido dos brasileiros, o que, aos olhos do rigor científico que o IHGB pretendia, soou como imperdoável. LANGER, op. cit., p. 248.

17 BAENA, Antonio Ladislao Monteiro. Resposta ao Illm. e Exm. Sr. presidente do Pará Herculano Ferreira Penna. *Revista Trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, T. X, Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio Silva, 1870 (1848), p. 93.

Ou ainda, a respeito do parecer de Lagos sobre os relatos de Castelnau:

O sr. Lagos não se contentou com um simples e breve juízo que poderia ser laudativo ou contrario ao mérito da obra sujeita à sua fina e profunda crítica: não: acompanha passo a passo o viajante francez através das nossas províncias por elle visitadas: dá-lhe a mão sempre que o vê tropeçar, e isso acontece muitas vezes: aponta um a um os erros numerosos que commette, marca-lhe factos que inventa; prova-lhe o conhecimento antigo, que nós temos de algumas das suas pretendidas descobertas; vinga nos da maledicência, e com um sopro vigoroso de potente lógica desfaz creações imaginarias, que o conde de Castelnau quer fazer correr mundo com fóros de realidades. Faz mais ainda: logo que depára com uma falsa apreciação do carecter, da indole dos Brasileiros, fere-o com um epigramma penetrante e adequado, e appellando para os viajantes e historiadores estrangeiros que tem escripto ácerca do Brazil, compára a observação maligna com o juízo imparcial e generoso de grandes homens, como o respeitavel Humboldt Saint-Hilaire, Ferdinand Denis e alguns outros, que nos fazem justiça, e em fim com indissivel graça chamando tambem a conta a cohorte dos improvisadores de viagens, e dos Chavagnes de todos os tempos, mostra desfilando em extravagante revista a multidão de absurdos, de incongruencias e contradicções, e não poucas vezes de imerecidas injurias, com que desfiguram e calumniam o Brazil homens, que escondem o que veem, que improvisam o que não existe, e que para escrever invocam a musa da mentira.<sup>18</sup>

Apesar de longo, o trecho vale a pena ser conferido, pois ressalta todo o alvoroço que o texto de Chavagnes causou no Brasil<sup>19</sup> e, principalmente, dentro do IHGB, principal centro difusor de uma identidade nacional que deveria se espalhar pelo país. No mais, ressalta também que o que os franceses da *Revue* escreviam era lido e tinha importância entre os círculos intelectuais da época no Brasil, destacando mais uma vez que os franceses eram importantes como matriz cultural naquele Brasil oitocentista, já que somente um texto relevante mereceria tanto clamor e exaltaria, da maneira que exaltou, os brios brasileiros.

- 18 Joaquim Manoel de Macedo. Relatório do primeiro secretario o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Greographico do Brazil*, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855, p. 28.
- 19 Poderíamos aqui ainda incluir as respostas que Émile Adêt (o francês naturalizado brasileiro que também publicou na *Revue*) e Araújo Porto-Alegre deram ao mesmo artigo de Chavagnes, que foram publicadas na *Minerva Brasiliense* e que seguem no mesmo intuito de defender a jovem nação brasileira das críticas e inverdades escritas pela francês. Manoel de Araújo Porto-Alegre. *Revista dos Dois Mundos*: huma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado o Brasil em 1844. *Minerva Brasiliense*, v. 2, n. 23, 1844, pp. 711-719; ADÊT, Émile. Resposta ao artigo da *Revista dos Dois Mundos*, intitulado do Brasil em 1844, situação moral, politica, commercial e financeira. *Minerva Brasiliense*, v. 2, n. 25, 1844, pp. 719-725.

E, para corroborar essa ideia de que os franceses eram elementos-chave dentro do pensamento social brasileiro da época, podemos notar que não era somente na exaltação das belezas tropicais que as visões brasileiras e francesas sobre o Brasil se aproximavam, ao tratarmos da questão da raça, essa proximidade também ficava perceptível, dentro dos limites dessas similaridades, demarcados principalmente por sentimentos nacionais que afloravam.

Nesse sentido, podemos observar que na *Revue* havia a noção, própria do século XIX, de observar negros, indígenas e mestiços sob um viés de inferioridade, como ficou evidente ao trabalharmos a questão da raça na *Revue des Deux Mondes*.

Chavagnes alertou que a população brasileira que encontrou, formada pela mistura de índios, negros e portugueses, era algo “realmente sofrível”, haja vista “o estado moral em que essas populações, abandonadas às suas paixões errôneas e aos seus instintos selvagens”, se encontravam<sup>20</sup>. Saint-Hilaire vê um Brasil formado por “uma amálgama bizarra de americanos e portugueses, de brancos e de gente de cor, de homens livres, de libertos e de escravos”<sup>21</sup>, sendo essas gentes de cor consideradas raça inferior pelo naturalista francês, uma das explicações do papel diminuto do país no cenário internacional, frente a sua grandeza territorial e de riquezas, em comparação aos Estados Unidos<sup>22</sup>. Pereira da Silva via uma incompatibilidade entre o cenário natural do Brasil, potencialmente rico, e a sua exploração, a cargo principalmente de “negros ignorantes”<sup>23</sup>.

Esses são apenas alguns exemplos dos inúmeros casos que retratamos e que evidenciam o quanto a questão racial era algo importante dentro da *Revue des Deux Mondes* e, principalmente, o quanto essa conformação racial brasileira, um tanto quanto *sui generis* na época, chamava a atenção dos viajantes estrangeiros que visitavam o Brasil, contribuindo para a construção de um quadro deveras problemático nesse século em que a ciência e o império andavam de mãos dadas. Mas não era só na *Revue* que esses negros e índios, mesclados a europeus afrouxados – mas ainda europeus – chamavam a atenção, aqui também, nesses brasileiros com olhos voltados para a Europa e para a própria terra, esses seres humanos indesejados, porém constituintes de uma realidade incontornável, foram objetos de descrições, análises e projeções.

- 20 CHAVAGNES, M. L. de. Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844, p. 92.
- 21 SAINT-HILAIRE, Auguste de. Tableau de dernières révolutions du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. V. III-IV, 1831, pp. 336-337.
- 22 Ibidem, p. 342.
- 23 SILVA, Pereira da. Le Brésil en 1858 sous l'empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1858, p. 818.



Nesse sentido, a questão racial é também objeto presente e marcante nas revistas do IHGB, ressaltando que as preocupações de ambos os lados guardavam muitas semelhanças, mas também, muitas diferenças, como veremos.

Se os viajantes da *Revue* relacionavam o clima tropical ao fracasso civilizacional, principalmente por formar raças fracas e ainda contribuir para a degeneração e dificultar o assentamento das raças fortes, como observamos, no IHGB não era diferente. A *Lei dos Climas*<sup>24</sup>, tanto propalada pelos europeus, era palpável e também fazia parte desse universo explicativo que era o Brasil do século XIX, como mostram os exemplos citados a seguir, em que Gonçalves Dias questiona se os europeus tivessem sido formados em um clima tão aprazível, como era o brasileiro, se eles mesmos seriam menos imprevidentes que os indígenas que encontraram em solo brasileiro. Ou seja, a noção de que estávamos em um clima inferior para a civilização, estava presente:

Comtudo os Europêos que tanto se indignam com esta predisposição moral [a ociosidade entre americanos e polinésios] se se acharem em identicas, acaso continuariam a reputar o trabalho como a primeira das virtudes? Tirem-se-lhes as necessidades facticias. Colloquem-nos em um clima aprazível e benigno, onde todos, sem muito custo possam achar nutrição, abrigo e vestidos, e tenho que não chamariam tanto contra uma disposição que mais que de qualquer outra causa se origina da benignidade do paiz habitado.<sup>25</sup>

Pelo trecho acima, podemos notar que as teorias europeias que relacionavam raça e clima com as inferioridades de cada povo eram lidas e, mais, eram aceitas. Se lá se pensava que os climas quentes geravam gentes indolentes, aqui também, se lá se aplicava a mais moderna ciência da craniometria para comprovar as diferenças, inferioridades e superioridades entres

24 Aqui nos referimos às teorias que estiveram em voga principalmente no século XVIII e que tiveram repercussões e continuidades no século XIX e início do século XX, trabalhadas por autores como Montesquieu, Raynal, Buffon, entre outros, que colocavam o clima como agente primordial na formação das constituições físicas e mentais de cada povo, atuando diretamente sobre seus destinos. De acordo com essas teorias, havia zonas climáticas ideais à civilização, sendo elas as temperadas, enquanto as zonas tropicais eram propensas à degeneração, à preguiça e à luxúria exacerbadas. Segundo essas teorias, o clima ainda era fator fundamental na transplantação e na fixação de populações em zonas climáticas de suas áreas de origens, estando sujeitas à definharem e a enfraquecerem devido às alterações climáticas existentes entre elas. Cf. BARBATO, op. cit. 2011, pp. 89-90.

25 DIAS, A. Gonçalves. Brasil e Oceania. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Carnier-Livreiro-editor, 1867, p. 343.



os homens em uma escala evolutiva<sup>26</sup>, aqui também. Se lá se acreditava em uma escala racial, que colocava todos os povos em uma mesma linha de progresso, e se se lia Darwin e seus sucessores, que mostravam que os fracos estavam fadados a sucumbir perante os mais fortes, aqui também:

Ahi [na navegação do Araguaia] o vapor, passando por entre as numerosas aldeãs de índios que ainda andam nus, apresenta em contraste os dois extremos da cadeia humana: a raça mais civilizada que usa d'esse primeiro agente do progresso, e o homem nu, imagem viva da primeira rudeza e barbaridade selvagem de nossos maiores.<sup>27</sup>

Ou ainda:

O nome de Goytacazes, dado a estes campos, lhe advem da tribo principal dos índios que primitivamente os habitavam e que a civilização exterminou pelo mais certo ou obrigou a procurar outro assento. Assento é um modo de dizer, porque, errabundos como eram por natureza os nossos autochthones, misturaram-se seguramente estes com os das demais tribus que encontraram, ao recuarem diante do europeu, e se absorveram nellas, a menos que não se queria aceitar como a da verdade histórica a causa do extermínio da raça aborígene referida pelo chronista da Companhia de Jesus que adeante citarei [trata-se de Joam d'Almeida].<sup>28</sup>

Dessa maneira, foi se replicando, mesmo nesse Brasil mestiço e tropical, e mesmo entre seus mais ardorosos defensores, a ideia de que ele estava em uma posição, no mínimo, desvantajosa, se comparado às tidas grandes nações do globo, já que, como dissemos, todo esse aparato de origem europeia, vindo de cima para baixo, era lido e, principalmente, como podemos notar pelos trechos acima, acreditado. O Brasil era analisado, mesmo por brasileiros, sob um olhar europeu, que insistia em mostrar e ressaltar sua superioridade.

- 26 Vejamos, por exemplo, os dizeres do mesmo Gonçalves Dias a esse respeito: “O tamanho da cabeça é menos que o sétimo da altura; o angulo facial, segundo a medida de Rienzi (formado de duas linhas, que partem dos dentes incisivos superiores acabando uma á nascença do nariz, outra no orificio auricular, é de 80 a 85 grãos, raras vezes de 85 a 90; o nariz é curto e grosso, algumas vezes achatado; a boca grande, mesmo entre as mulheres, os olhos muitas vezes obliquos mais ou menos, conforme a repetição de cruzamento com os *Chins* [sobre os malaiois]”. *Ibidem*, p. 317; ou ainda: “a cabeça sem os caracteres da belleza, nem os da grandeza, o nariz curto, indicio de pouca energia e constancia, a boca grande indicando appetites grosseiros, e olhos espantados (hagards), a vista obliqua, indicio de timidez, temor ou tristeza, de exterior agradável com o ângulo facial um pouco menos aberto que o da raça caucásica”. Aqui, Gonçalves Dias utiliza-se das descrições de Rienzi para compor esse quadro. *Ibidem*, p. 339.
- 27 MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Ensaio de Anthropologia – Região e Raças Selvagens. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVI. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1873, p. 388.
- 28 MELLO, José Alexandre Teixeira de. Campos dos Goytacazes. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XLIX, Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886, p. 9.



No entanto, como temos falado, apesar de esse pensamento europeu estar na base da própria visão interna de Brasil, ele cá foi adquirindo suas nuances próprias, e a análise comparativa entre os textos publicados na *Revue des Deux Mondes* e nas Revistas do IHGB só vêm a corroborar isso.

Retomando os textos que trazem críticas contundentes à formação racial brasileira produzidas pelos viajantes da *Revue* e que apresentamos há pouco, mostraremos que, por mais que elas contivessem semelhanças, também continham suas diferenças.

A começar pelas críticas aos negros, bastante presentes na *Revue* e quase inexistentes nas revistas do IHGB. Enquanto os negros chamavam a atenção o tempo todo dos franceses, sendo acusados de terem grande parcela da culpa da situação moral e social – para não estendermos à questão econômica – que se encontrava o país, entre os brasileiros, as críticas a esse elemento não apareciam tanto quanto aquelas presentes no periódico francês.

Dentro do IHGB, ao contrário do indígena, que era estudado e debatido, o negro não possuía o mesmo apreço devido entre os intelectuais do grêmio – ou pelo menos parte deles –, o que talvez explique o pouco interesse que a esse elemento é dado dentro do instituto carioca<sup>29</sup>. O próprio artigo de Martius, que foi vencedor do concurso que elegeria o melhor plano para se escrever a história do Brasil e que tinha justamente na união das três raças a sua argumentação principal, nos mostra o quanto o negro estava ausente desse debate.

Mesmo na seção do artigo dedicada a trabalhar sua importância dentro da história do país, Martius pouco se atém a ele, debruçando-se mais sobre as diferenças entre as províncias brasileiras do que sobre a importância do negro para a formação do Brasil da época. No entanto, o artigo de Martius já evidenciava a inferioridade do negro – e também do indígena – perante os europeus, estando fadados a perecer frente ao “mais poderoso e essencial motor”, que era o português, o que fica claro nos dizeres do naturalista germânico: “o sangue Portuguez, em um poderoso rio, deverá absorver os pequenos confluente das raças India e Ethiopica”<sup>30</sup>.

Mesmo a partir de 1870, quando os debates sobre a raça penetram com maior força no cenário intelectual brasileiro, sobre o negro pouco

29 Tal questão pode ser conferida nesse artigo, no qual há a análise da produção de outros artigos sobre a questão racial dentro dos artigos do IHGB e no qual fica evidente que, por mais que o negro fosse elemento marcante da constituição racial do Brasil do século XIX, carecia de um lugar de destaque dentro dos debates letrados no Brasil oitocentista, haja vista sua pequena presença na revista do instituto. BARBATO, Luis Fernando Tosta. A raça em revista: um guia de artigos comentados sobre a questão racial nas revistas do IHGB (1870-1902). *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, v. 5, n. 1, jan./jul. 2014, pp. 107-111.

30 MARTIUS, Carlos Frederico Ph. de. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo VI, Nendeln: Kraus Reprint, 1865 (1844), pp. 381-383.



se comenta; o foco maior das análises presentes nas revistas do IHGB é mais dirigido ao tema da escravidão, instituição negativa, da qual o negro é mais um efeito colateral negativo oriundo dela. Nesse sentido, o negro é apenas mais um fruto negativo de uma instituição negativa incompatível com a vida moderna que o Brasil almejava, não merecendo, em si, debates e estudos mais aprofundados<sup>31</sup>.

Tal viés negativo pode ainda ser observado no texto de Januário da Cunha Barbosa, intitulado “Se a introdução de africanos no Brasil serve de embaraçar a civilização dos índios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuízo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos?”, no qual ele debate acerca da introdução do escravo africano e suas consequências para a civilização do indígena.

Referidos por alcunhas pejorativas, como “bárbaros africanos”, “bestas de carga” ou “miseros africanos”<sup>32</sup>, dentro da análise de Barbosa, os negros contribuíram para o estado de barbárie em que se encontravam os indígenas no século XIX, sendo suas consequências negativas sentidas mesmos nos portugueses, que se tornavam mais “barbarizados”<sup>33</sup> e menos produtivos devido ao contato com eles. De qualquer maneira, o negro era um “embaraço” à civilização, seja por sua inferioridade e sua incapacidade ao trabalho inatas, seja pelos danos que sua simples introdução trouxe ao Brasil:

Os pobres negros, fóra de seu paiz natal, são menos aptos aos nossos trabalhos, do que os índios; e o beneficio da liberdade, que elles receberam, depois de tantas leis que ficam citadas, tornou-se de pouco ou nenhum fructo pela civilisação da catechese, e de um systema bem concertado de civilisação. A necessidade de trabalhadores obrigaría os fazendeiros a ser mais humanos com os índios livres, se lhes não tivesse sido facil comprar negros para os substituir em suas lavouras. Os negros, portanto, servem de embaraço á civilisação dos índios; e o que mais é, servem não pouco de retardar a nossa própria civilisação, o que deixo de tratar, por não ser d’este programma.<sup>34</sup>

31 SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero, Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005, pp. 88-96.

32 BARBOSA, Januário da Cunha. Se a introdução de africanos no Brasil serve de embaraçar a civilização dos índios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuízo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos? *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo I, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908 (1839).

33 O trecho a seguir, extraído do texto de Barbosa, ressalta esse caráter: “(...) cessaram, sim, os Portuguezes de penetrar os sertões em busca de índios para escravizar; e voltaram-se ao tráfico dos miseros africanos, que empregaram em seus trabalhos com igual barbaridade (...)”. *Ibidem*, p. 126.

34 *Ibidem*, p. 128.

Assim, em relação ao negro, temos um quadro no qual ele ainda é visto sob um viés de inferioridade dentro do IHGB, assim como ocorreu na *Revue*; no entanto, enquanto na *Revue* os negros eram alvos frequentes das críticas dos visitantes à conformação racial do país que encontraram, no IHGB essas críticas eram mais veladas – talvez os silêncios em relação ao negro sejam mais claros que qualquer palavra direta – e estavam praticamente ausentes nos debates brasileiros do século XIX.

No entanto, sempre vale ressaltar que tanto a Europa quanto o Brasil viam esse elemento da sociedade brasileira com um olhar de desprezo e desconfiança. Em ambas as publicações, cada uma delas guardada aos seus interesses, o negro surge como um elemento indesejado caso o país almejasse rumos que o aproximassem das grandes nações do globo, com a diferença de que, na publicação francesa, os negros marcavam a distinção e a inferioridade do Brasil, e fazia todo o sentido evidenciá-lo como prova disso, enquanto, na publicação brasileira, o sentido estava em escondê-lo, já que era o próprio *status* do Brasil que estava em jogo.

Já em relação aos indígenas, como esboçamos, as relações entre os estrangeiros da *Revue* e os brasileiros do IHGB podem ser mais bem trabalhadas, uma vez que a questão nacional, tão importante nesse momento da história do Brasil, exerce um peso muito maior sobre eles que em relação aos negros, visto que eram os autóctones os representantes originais desta terra e aqueles que interessavam nesse momento no qual a identidade nacional era uma necessidade<sup>35</sup>. Por isso, ainda que fossem inferiores aos brancos e estivessem aquém da missão de colocar o Brasil em níveis elevados na escala de civilizações própria do século XIX, mereciam eles um lugar todo especial nesse debate letrado oitocentista.

Como observamos, em relação ao indígena, as representações acerca desse elemento dentro da *Revue des Deux Mondes*, colhidas *in loco* pelos viajantes em suas viagens pelo Brasil, não foram das mais alentadoras. Frutos do século XIX, os autores da *Revue* já não partilhavam dos mesmos referenciais de séculos anteriores que legaram aos franceses uma imagem na historiografia colonial da América que deu origem ao chamado “mito do bom francês”, uma vez que, quando colocados em comparação com os colonizadores ingleses, portugueses ou espanhóis, que tiveram seus processos de colonização marcados pela violência no trato com os

35 Na Europa, o Romantismo recuperou o passado histórico representado pelo medieval, pelo gótico, como símbolos para a construção de seus ideários nacionais. Todavia, no Brasil essa questão é um tanto mais complexa, já que não houve uma Idade Média, segundo o modelo romantizado europeu, a ser recuperada. Isso levou autores brasileiros – notadamente românticos – a construir uma Idade Média imaginária. Ou seja, no contexto em que se dá a origem da nação brasileira, o tempo e o cenário de sua narrativa são mitológicos, e, nesse sentido, o indígena ocupa lugar central nessa questão, uma vez que foi recuperado, principalmente pelos autores românticos, como o elemento puro e seminal que antecedia a nação brasileira. BARBATO, op.cit. 2011, p. 10.





nativos, os franceses acabaram sendo retratados como aqueles que melhor respeitaram esses povos, integrando-se muitas vezes a eles, estabelecendo alianças, conhecendo suas culturas e formando parcerias comerciais<sup>36</sup>.

Se os autores franceses dos quinhentos e seiscentos<sup>37</sup> defendiam os indígenas e enxergavam neles, com toda a sua pureza, liberdade e felicidade, a chave para uma sociedade melhor em um Velho Mundo em crise<sup>38</sup>, o século XIX, com toda a sua ciência e seu darwinismo, sua lógica do progresso e seu imperialismo capitalista em curso, minou essas boas impressões e colocou esses povos dentro do lugar que lhes cabia nesse mundo de escalas de medidas e superioridades e inferioridades.

Já imbuídos por um espírito positivo e científico avesso a concessões românticas, e sem as ligações identitárias que certos brasileiros possuíam em relação a esses elementos, os franceses foram duros com eles e lançaram olhares que marcariam as representações acerca dos indígenas no século XIX, figurando-os como problema em meio ao problema tropical, como vimos anteriormente.



- 36 PERRONE-MOISÉS, Beatriz. O mito do bom francês: imagens positivas das relações entre colonizadores franceses e povos ameríndios no Brasil e no Canadá”. *IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. s.d., p. 4. Essa noção perpetrada por muitos anos na historiografia acerca dessa pretensa docilidade francesa no trato com os indígenas, em comparação às experiências de seus vizinhos europeus, pode ser observada na frase a seguir, do historiador norte-americano Francis Parkman: “Spanish civilization crushed the Indian; English civilization scorned and neglected him; French civilization embraced and cherished him”. PARKMAN, Francis. *The Jesuits in North America in the Seventeenth Century*. Boston: Little, Brown and Company, 1967, p. 44.
- 37 Há uma série de autores franceses que aqui podemos relacionar que, nesses três séculos de contato com o Novo Mundo traçaram um quadro positivo sobre essas populações indígenas, dos quais podemos destacar o missionário Jean de Léry, que visitou o Brasil no século XVI, e Michel de Montaigne, escritor francês quinhentista que, mesmo sem nunca ter visitado a América, lançou as bases para algumas dessas representações positivas sobre os indígenas que perdurariam durante muitos anos na França. Nesse sentido, o trecho a seguir nos dá uma pequena mostra das imagens propagadas por Montaigne: “C’est une nation... en laquelle il n’y a nulle espèce de trafic; nulle cognoissance de lettres; nulle science des nombres; nul nom de magistrat, ny de supériorité politique; nul x usage de service, de richesse ou de pauvreté; nuls contractes; nulles successions; nuls partages; nulles occupations qu’oysives; nul respect de parenté que communnuls vestemens: nulle agriculture: nul métal; nul usage de vin ou de bled. Les paroles mesmes qui signifient le mensonge, la trahison, la dissimulation, l’avarice, l’envie, la détraction, le pardon, inouies”. MONTAIGNE, Michel de. *Les Essais*. Vol. 1. Paris: Garnier, 1952, pp. 235-236.
- 38 Segundo Geoffroy Atinkson, pode-se notar que os viajantes franceses que percorreram o Brasil no século XVI, apesar dos vários maus-exemplos que observavam em suas condutas, insistiam na bondade, na caridade e na afabilidade dos nativos, ocorrendo esta mesmo antes da chegada da missão francesa no Rio de Janeiro, em 1555, estando todos esses autores na origem de todo o repertório que formaria o chamado mito do bom selvagem, séculos depois. ATINKSON, Geoffroy. *Les Nouveaux Horizons de la Renaissance Française*. Genève: Slatkine, 1969, pp. 146-149. Nesse sentido, Arno Wehling afirma que “de fato, ao longo de três séculos, se incluímos o Romantismo, autores dos mais significativos da literatura, do ensaísmo, do direito e da filosofia, debruçaram-se sobre essas questões, quer lendo Montaigne, quer buscando as próprias fontes quinhentistas às quais se acrescentaram os viajantes e cronistas dos séculos subsequentes”. WEHLING, Arno. Os indígenas do Brasil entre a razão de Estado e o Direito Natural: as contribuições de André Thévet e Jean de Léry. *História (São Paulo)*, v. 31, n. 2, jul./dez. 2012, p. 14.

Dessa maneira, uma série de críticas a esses povos, que também compunham a “amalgama bizarra” que era a população brasileira no período, foi lançada pelos franceses. Chamados de pouco inteligentes, além de indolentes e avessos ao trabalho por Assier<sup>39</sup>, creditados como dotados de tamanha ignorância por Reclus, a ponto de mal conseguirem se expressar em uma língua mais complexa, como era a portuguesa, mesmo depois de anos de convivência em ambientes civilizados<sup>40</sup>, considerados como ausentes de civilização por Lacordaire<sup>41</sup>, de miseráveis e antropófagos, por Castelnau<sup>42</sup>, para ficarmos aqui apenas em alguns exemplos<sup>43</sup>, a verdade é que, apesar de haver alguns poucos elogios<sup>44</sup> em relação aos indígenas, as imagens difundidas pelos franceses sobre eles eram deveras duras e ajudavam a traçar um quadro que colocava o Brasil todo em uma posição de inferioridade em relação aos países europeus.

Em relação ao Brasil, cuja elite intelectual da época era assídua leitora desses escritos, como notamos no princípio deste trabalho, a situação era mais complicada, visto que havia uma nação a ser construída, que não poderia ser baseada somente em elementos negativos e que havia de se fundar em originalidades. Dessa maneira, colocados frente a esse quadro sombrio propiciado por essas raças tropicais, preguiçosas e imprevidentes, esses intelectuais, dos quais aqui trazemos alguns representantes mais destacados, aqueles ligados ao IHGB, se viam em meio à razão e à paixão. Havia problemas, esmiuçados e comprovados por cientistas e escritores de competência ilibada no Velho Mundo, mas havia também a esperança de uma civilização tropical.

E é justamente em relação aos indígenas que essas disputas entre as paixões tropicais e a razão europeia se mostravam mais intensas no IHGB. Ao contrário do negro, que, como vimos, era elemento importado, introduzido irresponsavelmente no país, o indígena já estava aqui, era conhe-

39 D’ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. Le rancho. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863, pp. 557-560.

40 RECLUS, Elisée. Le Brésil et la colonisation – le bassin des Amazones et les indiens. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862, p. 945.

41 LACORDAIRE, Théodore. L’or de Pinheiros. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1835, p. 339.

42 CASTELNAU, Francis. L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848, p. 207.

43 Para mais exemplos, conferir: BARBATO, Luis Fernando Tosta Barbato. Op. Cit. 2015.

44 Como nos dizeres elogiosos de Reclus sobre os salutares hábitos de higiene indígenas e também sobre a beleza de certas mulheres que encontrou entre esses povos. Cf. RECLUS, op.cit. pp. 941-942; ou ainda nos dizeres de Assier, que enxerga neles certa utilidade econômica, graças a sua capacidade de penetração nos sertões, o que garantiria a extração de produtos valiosos, contribuindo assim esses homens para os ganhos da nação. D’ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. Le rancho. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863, p. 558.



cedor profundo destas terras e despertava paixões ao mesmo tempo em que despertava preocupações.

Nesse sentido, o indígena aparece como elemento dúbio dentro do IHGB, ao contrário da *Revue*, na qual sua imagem é basicamente negativa. E talvez nessas representações estejam a prova do quão importantes para o pensamento do Brasil eram os escritos vindos da Europa como um todo, nos quais a França tinha destaque. Por mais que a nação fosse importante, assim como o era a necessidade de despertar o orgulho em um povo carente de laços de união, as vozes do velho continente eram fortes demais para serem plenamente contestadas. Mesmo na defesa desses índios, ou do Brasil de uma maneira geral, as críticas presentes na *Revue* também apareciam no IHGB, de maneira às vezes sutil e dissimulada, mas que acabavam por estar no âmago das ideias desses intelectuais, ainda que alguns tivessem o objetivo de subvertê-las.

Assim, os dizeres sobre os indígenas no IHGB também são duros, porque estavam permeados de todo o espírito ajuizante presente na Europa. Como nos trouxe Mary Louise Pratt, as categorizações dos humanos são explicitamente comparativas e estão inseridas dentro do contexto de “naturalizar” o mito da superioridade europeia. Não se trata apenas de discursos que vão de europeus para não europeus, mas também os de mundos urbanos sobre mundos não urbanos, discursos burgueses e letrados, sobre mundos não letrados e rurais...

Tudo isso, segundo Pratt, pode ser entendido como uma forma de desenhar o suposto atraso da América e legitimar intervenções da vanguarda capitalista a sociedades não capitalistas, carentes da exploração racionalizada trazida por europeus, seguindo o sentido daquilo que havíamos trabalhado quando mostramos as descrições do Brasil por parte dos viajantes da *Revue*. Tudo parecia levar à necessidade da Europa e seus europeus, e os quadros que os viajantes franceses revelaram pareciam apenas evidenciar isto: que eles eram melhores e essenciais para um futuro dito civilizado.

Dentro do discurso colonial, podemos encontrar a linguagem da missão civilizadora, na qual o europeu produz – para si mesmo – esses povos nativos como seres reduzidos e incompletos, que sofrem com a incapacidade de se tornar o que os europeus já são ou de se transformar naquilo que os europeus pretendem que eles sejam<sup>45</sup>.

No caso do IHGB, podemos encontrar algo semelhante, pois também são discursos produzidos das cidades, das letras, da civilização, dos brancos, sobre o campo, os ignorantes, a barbárie e “pessoas de cor”. Trata-se de discursos produzidos por homens que creem ser representantes da



45 PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/SP: Edusc, 1999, p. 262.

cultura europeia, e o clima, a raça e suas diversas consequências negativas atuam como forma de rebaixar esses homens descritos perante os que os descrevem e os que leem esses relatos.

Assim, não é de se estranhar que discursos que inferiorizavam o indígena, mesmo ele sendo o símbolo da nacionalidade pelo menos para um grupo de autores, sejam bastante comuns nas revistas do IHGB. Assim, os indígenas são frequentemente relatados como bárbaros e selvagens, servindo como um elemento de atraso no desenvolvimento geral do país, e, numerosos que eram, mereciam a atenção daqueles interessados no futuro da nação:

As povoações gentias (...) são com effeito assas numerosas, e formam por isso um objecto seu, que não merece pequena attenção, e nem pouco reparo sua conservação dilatada em um estado bárbaro, tão prejudicial ao augmento geral desta colonia, como inutil áquelle progresso social, que pretendemos haver dos mesmos índios.<sup>46</sup>



Dessa maneira, no foco de uma noção que os colocavam no cerne de um problema, as críticas aos indígenas também são abundantes dentro do IHGB, apesar de certas nuances positivas. E, nesse sentido, são inúmeros os relatos que trazem esses elementos sob um prisma da inferioridade, corroborando aquilo tudo de negativo que os franceses lançaram sobre eles. Como podemos ver abaixo, eles, dentro mesmo do Brasil, eram vistos como inferiores e preguiçosos demais para contribuir para o progresso da nação:

O índio era indolente e preguiçoso, porque a natureza, como mãe pouco providente que á força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com elles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco, a benignidade do clima, a fertilidade do terreno, lhes asseguravam em todos os tempos e em todos os lugares: tinham abundancia de caça, de pesca, de differentes fructos segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não carecia reservar colheita para alguma occurrencia imprevista. Que lhes importava o futuro? Viveriam seus filhos como elles.<sup>47</sup>

Ou ainda, no mesmo sentido:

Filhos<sup>48</sup> de uma raça para quem nada eram as privações dos gosos materiaes, são elles como seus paes [os índios tapuios].

46 RIBEIRO, Francisco de Paula. Memória sobre as nações gentias: que presentemente habitam o continente do Maranhão: analyse de algumas tribos mais conhecidas: processo de suas hostilidades sobre os habitantes: causas que lhes tem dificultado a redução, e o unico methodo que seriamente poderá realizal-as. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, tomo III, Rio de Janeiro: Typographia de L. dos Santos, 1841, p. 184.

47 DIAS, A. op.cit. p. 140.

48 Nesse caso, referindo-se à indolência dos filhos mestiços de brancos com os índios, que herdaram as características desses últimos ancestrais.

(...). Tudo o que exige acção, iniciativa, exercicio continuado, persistencia, a energia moral por onde as fortes individualidades se affirmam, lhes é impossível.<sup>49</sup>

Exemplos como esses existem vários dentro das revistas do IHGB<sup>50</sup>, e trouxemos esses para mostrar o quanto a questão mesológica, herdada da Europa, é importante para definir as inferioridades, já que, como nos trouxe Bresciani, “o meio geográfico e climático assumia o centro da cena na fixação de quadros onde as diferentes raças esboçavam de maneira afirmativa seus destinos diversos”<sup>51</sup>, o que significava que o clima e a raça caminhavam juntos na determinação dos lugares de cada um dos povos e das nações e confirmava a ideia de que estabelecer uma civilização, em um clima tão benevolente – mas tão prejudicial – como era o caso do clima tropical brasileiro, era uma tarefa um tanto quanto complicada, como já alertaram os viajantes da *Revue*.

Assim, uma série de ideias vindas da Europa e presentes nos escritos da *Revue* se perpetuam nesse século XIX brasileiro, mostrando que tudo aquilo que os franceses escreveram, difamando os trópicos e sua gente, não estava tão distante daquilo que as próprias gentes tropicais – com um pé na Europa, é verdade, pois estamos falando dos letrados do Brasil oitocentista – escreviam.

Mas dissemos que havia sentimentos em jogo ao se tratar dos indígenas, que as representações sobre esses seres tidos como inferiores, ao contrário dos negros, possuíam seus olhares positivos, defendidos por toda uma gama de autores, com destaque para os chamados *românticos*, que viam neles bondade e pureza, além da origem da nação brasileira. Como disse Manoel Almada, autor que publicou na Revista do IHGB: “Eu sei bem que os índios em geral, são preguiçosos, inconstantes e fracos; mas com esses defeitos, e ainda com outros, elles servem de muito, elles são nossos irmãos”<sup>52</sup>.

Dessa maneira, eles também eram defendidos no grêmio carioca, a preguiça era relativizada, recaindo sua culpa sobre o clima tropical brasi-

49 VERISSIMO, José. As populações indígenas e mestiças da Amazonia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo L. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1987, p. 130.

50 Para se aprofundar mais no assunto e ter acesso a diversos outros exemplos que ressaltam essa ideia, consultar: BARBATO, op. cit. 2011, pp. 114-154.

51 BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 67.

52 ALMADA, Manoel da Gama Lobo de. Descrição relativa ao Rio Branco e seu território. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro: Typ. de S. Luiz dos Santos, 1861, p. 666.



leiro<sup>53</sup> ou alegando-se que os indígenas possuíam concepções distintas de trabalho<sup>54</sup>, mas, mesmo na sua defesa, podemos encontrar que as ideias negativas que vimos sobre os indígenas, e sobre o Brasil de uma maneira geral, divulgadas na *Revue*, estavam fortes demais no pensamento social brasileiro, a ponto de não poderem passar despercebidas.

Mesmo um dos mais ardorosos defensores dos indígenas que o IHGB teve em seus quadros, Gonçalves Dias, não deixava escapar isso. Os índios, por mais amados que fossem, eram colocados em uma escala civilizacional e, se comparados com os brancos, sempre saíam perdendo. E essa inferioridade, nas palavras de um de seus maiores defensores do período, ganha peso ainda maior:

Os americanos, dotados de capacidade intelectual apenas inferior á da raça branca, sem privilégios de casta, sem religião, cuja destruição compromettesse interesses humanos, sem aristocracia, nem theocracia, mais facilmente se puderam ter convertido á fé do que os chins e turcos, povos que todavia considera como civilisados.<sup>55</sup>

Ou seja, por mais que o intuito fosse a defesa, a “capacidade intelectual apenas inferior á da raça branca” estava posta e consolidada, o que prova que mesmo as paixões mais intensas, para um homem de letras do século XIX, membro do IHGB, não poderiam vencer as teorias que vinham da Europa, e os discursos, dos quais nos falou Mary Louise Pratt, que naturalizam a superioridade europeia – aqui representada pela raça branca superior intelectualmente –, que vão se perpetuando.

E, nesse sentido, Gonçalves Dias ainda dá mostras de que acreditava na escala do progresso única que abarcava todos os povos<sup>56</sup> e que foi divulgada inclusive na *Revue*, além de acreditar também na supremacia da

53 DIAS, op. cit., p. 140.

54 “Dizem que são preguiçosos [os índios apinajés]. Que! Póde-se chamar preguiçoso a aquelle que trabalha para satisfazer as necessidades reaes e ficticias da vida? Poder-se-há qualificar como tal aquelle que, não conhecendo outra necessidade, senão a da conservação, trabalha para alimentar-se com o resultado do seu trabalho e defende-se quanto póde contra seus opressores? Não”. Vicente Ferreira Gomes. Itinerario da cidade de Palma, em Goyaz, á cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve noticia do norte da provincia de Goyaz. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862, p. 494.

55 DIAS, op. cit., p. 258.

56 O que fica evidente no trecho: “a comparação [entre americanos e polinésios] seria tanto mais facil que por um lado haveria identidade de origem entre os *Tupys* e *Polynesios*; por outra, são os malaios inferiores áquelles e os pretos ficariam quase fóra de comparação, por lher serem inferiores, sendo que o de muitas partes como os *Australios*, estão no ultimo grão da escala da humanidade”. *Ibidem*, p. 334.

raça mais forte sobre a mais fraca<sup>57</sup>, o que ressalta ainda mais a noção de que as ideias dos escritores da *Revue* e do IHGB partilhavam de um fundo comum, europeu e branco, que colocava o Brasil em um patamar inferior aos países europeus em uma escala de valores criada na Europa, da qual era muito difícil escapar, mesmo quando o intuito fosse criar a nação.

Dessa maneira, a Europa e tudo o que ela carrega consigo, seja seus hábitos, sua tecnologia, sua ciência, sua raça e tudo mais que ela possa representar, também se faziam necessários dentro do IHGB. Se a Europa era apresentada como a chance de redenção desses trópicos condenados pelos autores da *Revue*, no IHGB não era diferente.

Assim, o que queremos aqui é mostrar que as ideias presentes na *Revue*, que difamam o Brasil o tempo todo, são acreditadas, partilhadas e difundidas também por brasileiros, e, por mais que as intenções fossem distintas e o lugar e as circunstâncias permitissem recriações, há todo um fundo comum europeu que não pode ser negado.

Dessa forma, se os europeus – e principalmente os franceses, como temos defendido – diziam que a natureza brasileira era linda, os brasileiros também o diziam, se os europeus diziam que os negros e indígenas eram inferiores e por isso estavam fadados a serem subjugados pelos brancos mais fortes, os brasileiros também o diziam, e, se os europeus diziam que a Europa era necessária, esses homens do IHGB, letrados, membros de uma elite econômica e política, estudados na Europa, também o diziam.

Não queremos dizer aqui que os brasileiros simplesmente replicavam o que os franceses diziam. Como vimos, havia fatores e intenções que transformavam e reformulavam os discursos, no mais, os brasileiros não eram meros disseminadores de ideias europeias, pois, no século XIX, e no próprio IHGB, se combateram concepções que há séculos vinham sendo difundidas, com origens na Europa<sup>58</sup>.

57 O que fica evidente no trecho: “A experiencia mostra que a raça preta em contacto com outra qualquer se deixa sempre subjugar; o que é prova de incontestável inferioridade; de facto os *Australios* são muito inferiores aos *Guaranis*, tanto no physico como nas facultades moraes e intellectuaes”. Ibidem, pp. 394-395.

58 Aqui falamos, por exemplo, das imagens difundidas dentro do IHGB, que mostravam o outro lado dos trópicos, evidenciando seus aspectos sombrios e difíceis, e como eles poderiam se mostrar desafiadores à vida humana, quebrando a ideia difundida há séculos de que os trópicos seriam um paraíso do leite e do mel, e que aqueles que sob ele viviam estavam fadados a ter uma vida fácil e de prazeres. Cf. BARBATO, Luis Fernando Tosta. O sertão do paraíso: trópicos quentes, secos e duros no paraíso tropical. *História Social*, n. 24, primeiro semestre de 2013; ou ainda dos médicos da Escola Tropicalista Baiana ou da Academia Imperial de Medicina, que quebraram velhos paradigmas europeus que colocavam as zonas tropicais como deletérias à saúde dos europeus, analisando os trópicos sob olhares positivos, no que se tratava das condições sanitárias. FRÓES, Maria Raquel de G. *A única ciência é a pátria: o discurso científico na construção do Brasil e do México (1770-1815)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. p. 11; EDLER, Flávio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, v. 1, n. 1 (jul-out. 1994) - Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2007, pp. 357-368.



O que queremos ressaltar é que as noções ajuizantes partilhadas pelos escritores europeus, dos quais os franceses da *Revue des Deux Mondes* foram importantes vetores, não podem ser negadas no pensamento social brasileiro do século XIX. Elas estavam presentes, e, mesmo nas situações em que havia a necessidade de se combater esses pensamentos, como nos momentos de afloramento nacionalista, havia um fundo europeu que estava presente, como as comparações entre as representações sobre o Brasil presentes nas revistas do IHGB e na *Revue*. E mais, de todos esses europeus, que tanto julgavam esse país, os franceses eram daqueles que estavam mais presentes no pensamento social brasileiro oitocentista.

Saber se os letrados do IHGB se baseavam nos escritos da *Revue* ao escreverem seus artigos é algo difícil de afirmar, visto que eles raramente indicavam suas referências; no entanto, ao considerar o poder com que as letras francesas penetraram no Brasil do século XIX, o sucesso editorial da *Revue* no país, expresso nos seus números de vendas e ao levar em conta a repercussão que alguns de seus escritos tiveram no país e no próprio IHGB, não há como negar que a *Revue* representava um elemento importante de contato com esse mundo europeu tão admirado no século XIX. Considerando ainda as semelhanças nos discursos referentes aos trópicos brasileiros, em seu sentido *lato*, explorando tudo aquilo a eles relacionados, podemos vislumbrar que a *Revue* foi um elemento importante, servindo como uma sólida ponte entre os dois mundos.

